



História dos primórdios da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: o relato de ex-alunos das primeiras turmas

Palavras-Chave: Faculdade de Medicina, Educação de Graduação em Medicina, História Oral

Autores(as):

Záira Gonsalves Toledo Serra, FCM — UNICAMP

Prof. Dr. Rubens Bedrikow (orientador), DSC/FCM - UNICAMP

Ivan Luiz Martins Franco do Amaral (coorientador), CMA/FCM - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A Faculdade de Ciências Médicas (FCM), fundada em 1963, é a unidade mais antiga da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a antecedeu em três anos. Funcionou inicialmente nas dependências da Maternidade de Campinas, em seguida usou também as enfermarias da Santa Casa de Campinas e, após 1985, transferiu-se totalmente para o campus de Barão Geraldo. (FCM, s/d a)

Seus primeiros alunos estão hoje com 75 a 80 anos e o período que passaram estudando na FCM faz parte de uma memória antiga que interessa aos recém-chegados. Relembrar e registrar aspectos dessa época é de suma importância para a manutenção da identidade dos novos estudantes.

O interesse pela recuperação, registro e divulgação da história da FCM resultou em produções bibliográficas institucionais por ocasião de seus 30, 40 e 50 anos, disponíveis em seu site. Nas comemorações dos 30 anos da FCM, em 1993, o Arquivo Central do Sistema de Arquivos (SIARQ) da Unicamp organizou uma exposição a partir de documentos e fotografias cedidas por docentes e funcionários e do acervo do SIARQ. Visando celebrar os 40 anos, a diretora Profa. Lilian Tereza Lavras Costallat criou uma comissão cujo trabalho resultou na criação de um logotipo, exposição artística, entrevistas-testamento e históricas, depoimentos, álbum de fotos de turmas, jantar com baile. Os depoimentos se concentraram em professores considerados “Personagens/Personalidades da FCM”, escolhidas pela comissão. No livro “FCM 50 anos: a realidade ultrapassou o sonho”, constam informações sobre a criação da faculdade e história de cada departamento. No que se refere aos estudantes, é possível encontrar informações sobre a participação deles na reivindicação de um campus definitivo e no capítulo “A juventude que renova” que enfatiza os centros acadêmicos dos cursos de medicina, fonoaudiologia, farmácia e enfermagem, e as atléticas. (FCM, s/d a; Unicamp, 2002)

A FCM conta, desde 2009, com um Centro de Memória e Arquivo (CMA) que tem, entre outras finalidades, a de preservar a memória da instituição mediante a conservação, produção e divulgação de documentos relacionados à história da instituição. Pesquisas efetuadas em documentos guardados no CMA têm contribuído para melhorar a compreensão sobre a história passada e presente da FCM e, em consequência, ajudam alunos, professores e demais funcionários a conviverem em seus espaços. (FCM, s/d b; Amaral e Bedrikow, 2019)

Projeto de edição e transcrição do acervo histórico de depoimentos do CMA revelou lacuna no acervo de memória oral, caracterizada pela ausência de depoimento estudantil, ou seja, não existe trabalho de resgate ao longo de todas as turmas de medicina da Unicamp de trazer a história através dos depoimentos. Essa memória coletiva da Universidade, se contada

desde o seu início até os dias atuais, torna-se um material importante para valorizar o movimento acadêmico. Auxiliar as novas turmas estudantis a conhecerem a história de seus veteranos, fortalece a imagem do pertencimento estudantil na FCM e dessa forma, ajuda a preservá-la, além de ser material rico para produção de trabalhos científicos em história.

Esta pesquisa teve por objetivo recuperar dados da história dos primórdios da FCM a partir de depoimentos de ex-alunos, além de produzir vídeos que serão preservados no CMA, para poderem ser fonte de novas pesquisas.

METODOLOGIA:

O referencial teórico que embasou esta pesquisa inclui o uso da história oral como metodologia de pesquisa a fim de fazer emergir uma história do tempo presente referente à FCM/Unicamp. Com o intuito de conhecer uma história mais viva e menos presa apenas a documentos já conhecidos e arquivados, os quais, em geral, contam a história pela perspectiva de monumentos e personagens de destaque como diretores e professores. (Ojeda, 2014)

Foram entrevistados três ex-alunos: Dr. João Luiz de Carvalho e Silva, Dra. Adriana Sevá Pereira e Dr. Aníbal Eugênio Vercesi, respectivamente da segunda, terceira e quinta turmas. Seus nomes foram indicados pela Associação de ex-alunos e amigos da FCM e Diretoria da FCM. Os depoimentos foram gravados — imagem e som — no estúdio da Coordenadoria de Apoio Acadêmico (CAAC) da FCM.

A duração média das entrevistas foi de 1,5 hora.

Os pesquisadores assistiram às entrevistas juntos e discutiram seu conteúdo, buscando as informações de interesse para a pesquisa.

Aspectos éticos: A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp: CAAE 55673022.8.0000.5404.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os ex-alunos participantes desta pesquisa são olhares ainda vivos sobre os períodos iniciais da instituição. Sabendo que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (p. 39), ao realizar a entrevista com alunos das primeiras turmas, os quais apresentam históricos sociais e pessoais diferentes, conseguimos resgatar uma diversidade de memórias ainda preservadas nas lembranças individuais. O conjunto dessas lembranças auxilia a reconstrução de uma história sobre os primeiros anos vivenciados pelos discentes, mediante uma análise histórica que não encontramos nos livros oficiais; ressaltamos que “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para não ser uma repetição do estado antigo, mas reparação” (p. 81).

Nesse ensejo, analisamos as gravações das entrevistas com as interpretações dos momentos políticos e sociais que o país vivenciava, além dos livros oficiais já publicados pela Universidade. Durante essa análise, conseguimos perceber a existência de lembranças apresentadas nas entrevistas pelos ex-alunos que classificamos neste estudo pelo nome de “apropriação da memória” ao serem memórias que não fazem parte da lembrança individual e sim no coletivo social que encontramos em livros oficiais. Um exemplo dessa análise encontramos ao mencionarem o ex-reitor Zeferino Vaz e sua relação com as perseguições políticas durante o regime militar; todos os entrevistados o mencionaram com a frase que o reitor supostamente discursou sendo “Dos meus comunistas cuido eu”, sendo uma frase já existente no livro “O Mandarim” do escritor Eustáquio Gomes.

Com exceção das memórias apropriadas, as memórias individuais formam valiosos fragmentos que viabilizam a construção de uma nova história rica em novas informações, onde “recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique” (p. 31).

Os prédios no centro da cidade e o campus em Barão Geraldo

O prédio da maternidade encontrava-se ainda inacabado quando acolheu a Faculdade de Medicina de Campinas, que se instalou em dois andares (térreo e primeiro andar), com “contrapiso grosseiro”, de “concreto bruto”. Havia duas salas de aula, improvisadas, usadas para o ciclo básico.

“Ao fundo ficava o laboratório de Anatomia”, onde os alunos realizavam as disseções, em duplas, “o ano todo”. O Sr. Milton cuidava de tudo.

Quando a primeira turma chegou ao terceiro ano, para o ciclo clínico, a FCM passou a usar a Santa Casa de Campinas, que estava “velha e mal cuidada”. Ali, os alunos aprendiam medicina em duas enfermarias com trinta leitos: masculina e feminina. Cada enfermaria contava com dois docentes.

No campus de Barão Geraldo, a FCM, no início, ocupou um prédio em frente à Reitoria. O prédio novo ainda não contava com acabamento quando os alunos chegaram. Era de “concreto rústico”, sem ar condicionado. No verão, chegava a 40° C a temperatura na sala de aula. Os três anfiteatros, um ao lado do outro, eram separados apenas por “divisórias feitas de aglomerados de madeira”, de forma que era possível acompanhar também a aula da sala vizinha. O abastecimento de água dependia da Fazenda Rio das Pedras e não era incomum acabar. Ao lado do prédio estava o canavial, muitas vezes usado como banheiro pelos estudantes. Os alunos ajudavam a fiscalizar a obra. A empresa que começou a obra, “estava quebrada” e “o Zeferino trocou a empresa”. Havia apenas uma lanchonete, “sem higiene”. Os alunos que tinham carro preferiam almoçar na cidade.

As pessoas

Além dos professores, muitos dos quais já mencionados nas obras que contaram a história da FCM, alguns nomes foram lembrados pelos entrevistados.

O Sr. Milton era funcionário da Anatomia. Ele era “o dono de tudo” e garantia que as aulas práticas — disseção — acontecessem. A Profa. Adriana ainda se recorda do membro superior que recebeu para dissecar até isolar a artéria subclávia. Alguns alunos chegaram a desmaiar devido ao formol. Cada aluno tinha seu estojo, com pinça anatômica e tesoura.

Outra pessoa lembrada, ainda do tempo da Maternidade, era a Sra. Dagmar, que era a “secretária de tudo”. Era responsável pelas matrículas, divulgação das notas e frequência dos alunos.

As lâminas usadas na disciplina de Histologia foram feitas pelo Prof. Walter August Hadler, com ajuda de sua filha, no tanque de sua casa. Da mesma forma, o Prof. Lopes de Faria preparou muitas peças de Anatomia Patológica em sua casa, dedicado que era ao ensino dessa matéria aos novos alunos.

As primeiras turmas contavam com setenta alunos e as duas primeiras foram formadas por perfis de estudantes diferentes. Os alunos da primeira turma eram conhecidos como caipiras, pois a maioria provinha de municípios do interior, e aqueles da segunda turma eram os paulistanos frescos, pois eram quase todos da cidade de São Paulo. Isso porque, a partir da segunda turma, o vestibular passou a ser integrado com o da Universidade de São Paulo, e os alunos que não entravam da Casa de Arnaldo tinham como segunda opção a Faculdade de Medicina de Campinas. O Prof. João Luiz, chegou desconfiado, ressabiado, desconfortável e até decepcionado quando se deparou com o prédio da Maternidade inacabado.

Mas formavam um grupo de alunos unido e engajado, que contribuíram, e muito, com o surgimento de uma faculdade de qualidade. Fizeram passeatas no centro da cidade, pela avenida Francisco Glicério e tinham orgulho de caminhar pelo centro da cidade vestindo avental

branco que os identificava como “alunos da faculdade de medicina”. Eram recebidos pelo Reitor para discutir os rumos da faculdade.

No sobrado alugado no centro para funcionar o Diretório Acadêmico, havia uma “boate”, com pista de dança. O valor do aluguel era o salário de um professor titular. Como havia poucas mulheres no curso, costumavam convidar as alunas de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas para as festas que organizavam no sobrado.

Dr. Aníbal foi o primeiro a dormir no campus de Barão Geraldo, perto do laboratório onde desenvolvia pesquisa ainda como aluno. Às vezes, caminhava até Barão Geraldo, já na escuridão, a fim de alcançar o último ônibus que vinha de Paulínia e passava em Barão Geraldo por volta das 22h00. Ele se lembra do Bolinha, líder dos motoristas de ônibus que passavam no campus. Bolinha batia na porta da sala de aula, por volta das 18h00, para avisar o professor que o último ônibus já ia partir e que ele deveria liberar os alunos. Ele foi um dos representantes de alunos — eram dois de cada turma — e se recorda de reunião com o Reitor Zeferino, quando este pegou uma folha de papel ao maço e desenhou o esboço do que seria o Ciclo Básico. O lugar que seria a Fonte do Saber — ao redor da qual professores de diferentes cursos poderiam se encontrar para conversar — ainda era canavial.

O prédio, no meio do canavial, recebeu três pesquisadores ganhadores do Prêmio Nobel. Eles estavam a caminho da Argentina e o avião faria escala em Viracopos. Zeferino, ao saber disso, conseguiu que os três viessem fazer palestra na Unicamp. Alguns funcionários da faculdade, para aumentar a quantidade de pessoas na apresentação, foram alocados no anfitriato vestido com jalecos.

O contexto político

Os primeiros anos foram “anos difíceis”. Um “caldeirão político” acompanhou e, em grande medida, prejudicou o desempenho dos alunos. Foi durante esse período que o Dr. Aníbal aprendeu que havia, sim, cassetete de madeira. Quase foi preso em mais de uma oportunidade.

Alguns alunos desconfiavam de um aluno “diferente”, que veio estudar com bolsa. Numa festa, já sob efeito do álcool, confessou que recebia a bolsa para passar informações.

O diretor da faculdade chegou a ir mais de uma vez buscar “alunos politizados”, que participavam de passeatas, na delegacia.

Expressões como “terror do regime militar” e “caça a comunistas” eram conhecidas dos alunos.

O curso

A precariedade dos imóveis onde a faculdade se instalou e os poucos recursos iniciais acabaram por moldar alunos engajados e decididos a contribuir para a melhora do curso.

Durante os primeiros anos, além das aulas teóricas e práticas na Maternidade e, a partir do terceiro ano, também na Santa Casa, tinham atividades no Jardim dos Oliveiras — um bairro muito pobre da cidade —, coordenadas pelo Departamento de Medicina Preventiva e Social. Dr. Aníbal se recorda dos bolinhos de chuva que a dona da casa lhe preparava. Seu marido era encanador e eletricista. Os alunos deveriam fazer uma história clínica e social completa da família e acompanhá-la durante todo o segundo ano. Essa disciplina era integrada com outros departamentos como de Pediatria, Ginecologia, Clínica Médica e Oftalmologia.

Havia uma disciplina de Educação Física, cujo professor era o pai da jogadora de basquete Magic Paula.

Na Santa Casa, os alunos passavam visita nos leitos, faziam a evolução dos pacientes e as prescrições.

E tinham aula sábado de manhã.

CONCLUSÕES

A pesquisa revelou que os ex-alunos das primeiras turmas detêm muitas informações sobre a história dos primórdios da FCM da Unicamp e que a história oral é uma forma de recuperar informações ainda inexistentes em documentos oficiais e comemorativos anteriores. Os vídeos produzidos estarão sob a guarda da FCM e poderão ser revisitados e novas interpretações históricas propostas.

O conteúdo apresentado não esgota — longe disso — o conteúdo da história da instituição.

Este trabalho tem em vista estimular outros pesquisadores a darem continuidade à história oral da FCM da Unicamp.

BIBLIOGRAFIA

1. SEBE, Jose Carlos. História oral: como fazer , como pensar. Coautoria de Fabiola Holanda. São Paulo, SP: Contexto, 2007. 175 p.

2. HALBWACHS, M. A Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

3. BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 19. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. 484 p.

AGRADECIMENTOS

A Rafael Marques da Silva e Bruno de Jorge, pelas gravações das entrevistas e edição.